

Eu, Preso – EP5: Trabalho – Transcrição de diálogos

[Renato] Meu nome é Renato Bueno de Souza, meu crime é homicídio. Fiquei 11 anos fechado, faz quatro que tô no semi aberto e três anos aqui na rua.

[Agente] Renato Bueno de Souza...

[Renato] Eu levanto cedo. Às 05h00 da manhã, saio pra trabalhar.

[Renato] Agora, no momento, tô aqui trabalhando na escola de música. Começo a trabalhar 07h30, mais ou menos. Trabalho até às 15h30 e, às 16h00, eu pego a van e volto pro presídio. Daí... às 17h00 horas, eu tô lá dentro de volta, daí, no outro dia, saio de novo pra trabalhar. Trabalho de segunda à sexta-feira.

[Celmir] Meu nome é Celmir Alves do Santos, Eu fui condenado pelo crime de estelionato, eu trabalhava no Banco Real... No dia em que fui preso, no dia 18 de dezembro, a minha “pequininha” tinha um ano e quatro meses. E eu estava saindo do apartamento pra ir em casa, na minha casa, pra buscar um material que eu tinha que pegar lá, pra levar pra empresa em Guarulhos. No que eu fui saindo de casa, eu estava virado na porta pra sair, a minha “pequininha” veio lá da cozinha: ‘‘Pai, pai, dá um “abaço”... Aí eu: “Filha, o pai já tá voltando.” E tô aqui até hoje.

[Celmir] Eu cheguei aqui na unidade no dia 2 de janeiro deste ano. Eu comecei a trabalhar como monitor do P.E.T. O P.E.T é o curso que eu ministro aqui P.E.T é Programa de Educação para o Trabalho e Cidadania.

[Celmir] O problema é que, quando a gente está no ócio, um dia de 24 horas se transforma em uma semana. Quando você está trabalhando, você volta a se sentir importante, volta a se sentir útil, e aí também conseqüentemente o tempo passa mais rápido também, né?! Porque, quando a gente tá lá fora, a gente briga pelo contrário, o tempo está passando muito rápido. Aqui dentro não, o tempo não passa, então fica muito devagar, você está trabalhando, consegue edificar você mesmo. Aqui eu leio bastante também, uso muito a biblioteca.

[Cláudio] Eu sou o Cláudio Cruz, quer dizer, sou mais conhecido como Kric, MC do grupo de rap da comunidade carcerária.

[Cláudio] Eu, quando cheguei no Carandiru, já tinha uma história de uma vivência prisional, mas, no Carandiru, fiquei 20 anos, mas no total depois de “maior”, entre idas pra outras penitenciárias, resultou em 28 anos preso.

[Cláudio] As “condição” do Carandiru era muito em dinheiro, o dinheiro movimentava tudo. Se eu tenho muito dinheiro, eu tinha o poder de tudo. Lá se comprava a cela, o xadrez, o barraco, como se fala, né?! E aquele que não podia morava numa cela daquela totalmente desumana, com 20, 30 pessoas juntas. Trabalho que existia

não era aquele trabalho em que a pessoa ia ter uma remuneração adequada pra ajudar a família. Eu via que costurar bola demorava horas e horas, fazia calos na mão, pra ganhar o mínimo, um nada, muitas vezes, pra trocar por um “baseado”, uma droga que não dava nada e depois ia precisar disso daí, não tinha um rendimento. Mas o que acontecia dentro da mente da pessoa que estava costurando bola é que ela passava muito tempo imaginando maldade, ao ponto de que cada bola que ela terminava é como se ela tivesse destruído alguma coisa dentro dele, ou construído uma maldade a mais dentro dele.

[Laurindo] Desde sempre, essa contradição entre o trabalho como castigo e entre o trabalho como um caminho para uma reforma e uma reinserção produtiva se manifestou dentro das prisões. O trabalho em geral dentro das prisões é um trabalho extremamente precário, um trabalho que exige pouquíssimo grau de especialização, qualificação. Ele é um trabalho que guarda um enorme descompasso em relação aos trabalhos requeridos pela sociedade. Durante muitos anos, os presos no Brasil costuravam bolas de futebol, ou é... faziam móveis de bambu para decorar casa de praia da classe média brasileira. É evidente que esse tipo de trabalho não cria condições para um reingresso social. Hoje, o problema se agrava com a crise do lado de fora, de desemprego, e o descompasso entre uma hiper qualificação que supostamente todo o trabalhador deveria ter e a escassez de trabalho. Isso, dentro das prisões, adquire, não é, a forma de um descompasso ainda muito maior.

[Alexandre] Meu nome é Alexandre, tenho 47 anos de idade, ex-sentenciado. Tive” preso por quase 20 anos.

[Alexandre] Lá a gente tinha um trabalho, mas um trabalho apenas para sobrevivência. Não era um trabalho, você... é... que você agregaria algo, que traria uma profissão que você poderia usar quando você ganhasse sua liberdade. Fui... faxineiro, quem ficou preso sabe o que que é. Fui... boieiro, trabalhei em marcenaria, artesanato, tabula, arte pra fazer cadeiras. Trabalhei no setor de cozinha, trabalhei como é... monitor, alfabetização de outros sentenciados. Nenhum desses “trabalho” aí me agregou em algo que eu pudesse usar aqui fora. Saí sem ter nenhuma profissão.

[Celmir] Uma coisa que é muito difícil ter aqui é concentração, é concentração, e a ansiedade é muito grande. Qualquer reeducando que você parar e perguntar qual é seu objetivo principal, todo mundo vai te falar: Liberdade! Quando nós sairmos daqui, nós vamos ter um sobrenome, e qual que é o sobrenome? Ex-presidiário.

[Laurindo] O que está se vendo historicamente é que a prisão não cumpre minimamente nenhuma das promessas pelas quais, digamos assim, ela se justificou como uma pena racional, né?! Ela não cria condições para uma punição justa, ao contrário, ela incide, como eu disse, seletivamente sobre camadas desprivilegiadas da população. Do ponto de vista do trabalho, nós vimos também que historicamente o trabalho não tem sido utilizado como um instrumento de capacitação e de reforma ou de reinserção social, mas ele é ou um trabalho como castigo, suplício, ou ele é um trabalho de superexploração de uma

mão de obra, não é, que se produz a baixíssimo custo.

[Cláudio] Eu, na realidade, devido ao meu envolvimento diretamente de cabeça no crime, e ter pegado um respeito, e as pessoas realmente me “vê” como uma pessoa líder sempre fui encarregado de algum setor, e esse setor que fazia tampinha, pregador, nem todos que estavam naquele setor eram registrados, mas o encarregado era registrado. Eu não fazia o trabalho, mas eu tinha quem fazia o trabalho, na época, era totalmente marginal, eu estava num local cheio de lobo, eu não podia ser cordeirinho, senão eu ia ser jantado. A partir do momento em que eu fiquei encarregado desse setor, demorou um ano e eu fui transferido para o do Estado. Quando eu cheguei lá, eu vi essa escola vazia, e vi aquela biblioteca bonita. Eu não sabia ler, pra mim, era tudo figuras, e a partir do momento em que eu aprendi algumas coisas, eu queria devorar, eu quero aquilo. “Peraí”, gente, eu preciso aprender o que mais existe nesse mundo, por que me levou a tá nessa vida? E comecei... a ler, e esses livros me “mostrou” que tinha algo a mais do meu conhecimento marginal.

[Alexandre] Embora o mínimo que a gente recebia, o que acrescentava mais é você ter alguma ocupação, porque uma situação que remói, acho que qualquer ser humano, mas que a gente vive na pele, muitos sentenciados, é que a gente já se sente um inútil. Você não poder, é... conseguir ter a possibilidade de fazer algo, de poder produzir algo, isso... acaba com qualquer ser humano. Mente parada é sim a oficina do diabo.

[Renato] Dia de fim de semana que é dia de visita, para nós, demora passar o sábado e o domingo. De segunda para sexta, passa rapidinho. A gente nem vê passar. A gente vai na rua.

[Renato] De cada três dias trabalhados, a gente ganha um. E se eu não tivesse trabalhando, eu montava um edifício pra “mim” ir pro aberto, só em 2021, agora eu tô montando já, “tamu” em 2018, já tô montando, a remissão ajudou bastante, porque sempre vim trabalhando nas outras unidades também.

[Julita] O que me surpreende sempre, né? é muita gente acreditar que o preso quer ficar lá dentro, coçando o saco e fazendo coisa alguma, e, ao contrário, quer dizer, o que a gente vê... Eu dirigi o sistema penitenciário nos anos 90. Cada vez que a gente inaugurava uma oficina, tinha briga dentro da cadeia por aqueles lugares, né? Para trabalhar! Em primeiro lugar, para cada três dias trabalhados, o preso consegue descontar um dia de pena.

[Pedro] Trabalhar é um direito que eles têm, eles querem trabalhar. Eu acho que tem uma... uma questão... primeiro é esse direito de ocupar seu tempo, o direito de trabalhar, de ocupar seu tempo de maneira produtiva, se sentir produtivo, né? A partir daquilo, ele é fundamental.

[Celmir] Quando a gente fala em empreender, alguém consegue me dar uma ideia em que se resume a palavra “empreender”?

[Aluno Detento] Executar

[Aluno Detento] Montar

[Celmir] Montar!?

[Aluno Detento] A capacidade de criar algo que venha a ser útil.

[Celmir] Capacidade de criar algo que venha a ser útil!

[Celmir] Hoje eu diria pra você que eu tenho hoje 45 anos de idade, tá? Provação maior que eu passei na minha vida é essa aqui, ficar longe da minha família, longe da vida. Aqui a gente acaba, de certa forma, se tornando um pouco inútil, e eu, na verdade, eu consigo buscar alguma utilidade quando eu tô aqui dando aula, aonde eu consigo ser alguém. E outra coisa que é importante que nós sabemos é em relação ao seu produto, porque não adianta, pessoal, eu ter um bom atendimento, um ótimo atendimento, ser diferencial nisso aí e por que não... Então eu tenho que mostrar para eles, "peraí", já que nós estamos aqui dentro, por que não tirar um proveito disso aqui? Por que não fazer com que isso aqui sirva lá fora pra gente de uma experiência positiva.

[Laurindo] Circula socialmente a ideia de que se constrói um complexo industrial prisional é que muitas empresas, hoje, investem no trabalho do preso, não é? Pelo seu potencial óbvio de extração de riqueza a baixo custo. Problema é que isso não dá conta do encarceramento em massa, porque não é por aí, não é mais pela via do trabalho do preso que a prisão se torna economicamente relevante, ela se torna economicamente relevante por uma série de serviços outros que ela permite mobilizar. A tornozeleira eletrônica, a cela, né? Os uniformes dos guardas, a alimentação, o vestuário que é provido, os serviços de consultoria que grandes empresas globais oferecem, pacotes de segurança pública, para os mais variados governos. É menos a relevância econômica do trabalho em si que falta dentro, e fora, e mais a possibilidade de extração de toda a sorte de rendimento dessa prisão hipertrofiada.

[Cláudio] Eu fui preso diversas vezes pela ditadura em 74 no DEIC, eu fui preso como um criminoso comum, e ali "foi" escolhido alguns para levar...nós saímos de madrugada encapuzados pro DOPS. Eu fui levado ali para servir de exemplo para aquelas pessoas que eram presos políticos, o que poderia acontecer se caso ele não entregasse. Ali eu fiquei sendo torturado até de madrugada, e outros companheiros também foram torturados, penduraram eu num... num cavalete, penduraram eu também lá em cima, assim, num... numa alavanca lá, algemaram meu pé, eu tenho marcas no pé, quebraram esse lado do corpo, fui arrastado, de repente jogado dentro de uma camburão. "Pô, agora é o fim, né?! Vão me levar de quebrada e vão dar um montão de tiro e vão me matar como muitos apareciam", mas, de repente, me deixaram no hipódromo. Eu sobrevivi, porque parece que tinha alguma coisa pra "mim" estar aqui hoje, mas não foi fácil não.

[Cláudio] A diferença da época, daquela época, é que existia uma

ditadura dando autorização para acontecer isso, agora, a de hoje, existe uma democracia que eu costumo chamar de democradura, onde as pessoas que estão lá no comando da polícia, que tão lá no comando das grandes investigações, liberam para que as coisas aconteçam. Quando o judiciário é omissivo, que houve uma tortura, que houve uma violação dos direitos, quer dizer, eles também têm a culpa na situação.

[Laurindo] Se, de um lado, a prisão foi sempre a máquina de extração de rendimento econômico, ela também foi uma máquina de adestramento político, de controle político desses corpos, de quebra de resistência.

[Cláudio] Eu senti que tinha que mudar minha vida a partir do momento do massacre do Carandiru, que foi uma... algo marcante, não pra mim, que morava no pavilhão 8, mas pelas pessoas que eu acolhi e que vi. Se eu consegui de alguma forma aprender algo que a educação me mostrou e que mudou dentro do meu ser, eu precisava mudar minha vida.

[Cláudio] Eu conheci uma pessoa maravilhosa, Seu Valdemar Gonçalves. Ele era diretor de cultura, esporte e saúde. Eu apresentei um projeto pra ele. Nesse projeto, não tinha só música, tinha artes plásticas, teatro, o boxe, a capoeira, e a gente lançou o "Comunidade Carcerária". Aqui nós temos histórias de nosso passado, aqui é o 1º show do Comunidade Carcerária, em pleno palco no pavilhão 8.

[Celmir] Eu já montei um negócio, eu tive cadastro na prefeitura, eu tenho um CNPJ, eu tenho um endereço...

[Celmir] Eu acho que todo trabalho é interessante, tá? Todo trabalho é interessante, Você ficar no ócio aqui não vai te levar a nada, boa parte das pessoas realmente trabalham pela remissão, tá?! E, em questão à remuneração, eu acho que a remuneração não é a contento. Eu dou aulas aqui, eu faço da melhor forma que eu posso fazer, tento buscar, trazer os alunos pra mim para que eles aprendam, e eu ganho um salário de R\$ 330,00 por mês.

[Alexandre] O trabalho dentro do cárcere é apenas para sobreviver e sobreviver mal, sobreviver com situações que, na realidade, era pro Estado já cumprir com as obrigações, porque, na maioria da vezes, o salário é reduzido, e a pessoa tem as necessidades de higiene que... penitenciária, se tiver uma ou duas penitenciárias que "dá" os produtos de higiene, no estado de São Paulo, é muito.

[Laurindo] A lei possibilita que o preso receba um rendimento inferior, 3/4 de salário mínimo. O simples desafio de sobreviver dentro das condições mais favoráveis, dentro das prisões, leva os presos a direcionarem os parquíssimos recursos que eles podem receber em razão de um trabalho, ou absolutamente improdutivo, ou superexploratório, na compra de jumbos, na compra de alimentação, na compra de cigarro, e... e sobre especialmente no acompanhamento da sua situação processual.

[Alexandre] O ofício que eu tinha antigamente, que era pintor de automóvel, hoje em dia, a máquina que faz, ficou ultrapassado. Foi muito difícil e com certeza o mundo paralelo te oferece com muito mais rapidez, né?! Só que tem uma hora em que você tem que falar NÃO pro mundo paralelo, tem que dar um basta, né? Saí determinado a um novo modo de vida e... encontramos inúmeras dificuldades. Mas não conseguia arrumar nenhum tipo de serviço. Eu falei: "Poxa, já que eu não tô conseguindo arrumar um trabalho, eu tenho que arrumar uma capacitação. A gente não az só pra deixar na gaveta ou pra colocar na parede mais um ofício, né?! A gente tenta exercer, só que as dificuldades, "as lutas é, tão grande", né?! Principalmente para pessoas, né? Do jeito que eu vim, problema com o cárcere, a gente encontra aí muitas portas fechadas, né?

[Laurindo] A questão do estigma é decisiva pro trabalho, né?! Todo mundo sabe que encontrar trabalho após um... a passagem por uma instituição penitenciária é um desafio. Nesse sentido, muitos programas foram inventados e executados ao longo do século 20, não é? Visando criar condições para minoração do estigma, né? Estimulando empregadores a criar condições para inserção do egresso no mundo do trabalho. Então a ideia é de reforçar o estigma, e não de minorá-lo, por via de políticas penais e carcerárias. Obviamente isso incide de maneira brutal na possibilidade de alguém conseguir trabalho ao sair da penitenciária.

[Cláudio] Então a Comunidade Carcerária não parou quando acabou o Carandiru. E esse sonho de ser transportado aqui pra fora realmente se tornou realidade, o grupo tá aqui com seu segundo CD, com seu segundo trabalho, e que está resgatando alguns regressos e resgatando muitos que não "quer" a vida do crime, mas que tá tudo fácil por aí. Muitas vezes, ele vê na minha história, no meu histórico, que sabe o que pode acontecer e é, muitas vezes, passado na Comunidade Carcerária que não basta apenas eu falar na gíria, não basta apenas eu ter um montão de tatuagem no corpo que eu vou sair bem lá dentro não, porque o crime é muita maldade.

[Cláudio] Então, quer dizer, Comunidade Carcerária plantou uma semente e essa semente deu frutos.

[Alexandre] É super difícil mesmo, é muito complicado para pessoa que passou. Um ex... Um ex- regresso é muito complicado, mas eu costumo falar o seguinte: que a gente tem que ser maior e mais forte que as dificuldades. Se as dificuldades são grandes, você tem ser "mais grande" ainda.

[Pedro] O trabalho do preso tem que ser encarado como o direito do preso. Ele não é parte do castigo, ele não é uma maneira de fazer o sistema se pagar ou de pessoas enriquecerem, né?! Ele é um direito do preso, e cabe ao Estado estruturar daquela maneira que seja produtivo e que possa gerar é, é... enfim, que ele saia dali com uma capacidade de trabalho maior do que ele tinha quando ele entrou.

[Julita] E que o que ele faça dentro da cadeia minimamente esteja

relacionado com possibilidades aqui fora. É um Estado que descumpre sistematicamente sua leis.